



José Soares

Transparência

Holocausto católico

Esta semana, mais um relatório veio à luz do dia com a grande desgraça dos mais de 300 mil abusos de crianças que deviam estar sob a proteção da Igreja Católica Apostólica Romana, nas diversas áreas e instituições.

Os números do relatório publicado esta terça-feira em França são impressionantes: mais de 330 mil crianças foram abusadas em instituições da Igreja Católica ao longo dos últimos 70 anos. As conclusões são de uma comissão independente que investigou o assunto durante dois anos e meio e produziu agora um relatório com 2.500 páginas.

Segundo o presidente da comissão, Jean-Marc Sauvé: “No total, os abusos de menores por parte de membros da Igreja Católica representam 4% de toda a violência sexual praticada em França, se contarmos apenas com os membros do clero, e 6% se incluirmos os leigos”.

O documento identifica ainda 3.000 criminosos, dos quais dois terços são padres. Se uma grande parte dos crimes está prescrita ou diz respeito a pessoas que já morreram, há 22 crimes referidos que podem ainda ser punidos e cujos detalhes foram encaminhados para a Justiça. O número de vítimas sobe para 330 000 quando considerados “agressores leigos que trabalham em instituições da Igreja Católica”, nomeadamente nas capelanias, professores nas escolas católicas ou em movimentos juvenis, disse o presidente da Comissão Independente sobre os Abusos da Igreja.

São números impressionantes, que ultrapassam toda a população das Ilhas dos Açores e não deixam ninguém, seja qual for o credo religioso, à margem da vergonha.

E foi essa a palavra repetida várias vezes na sua intervenção, pelo Papa Francisco que, verdadeiramente consternado, pediu perdão e disse sentir-se envergonhado com tais crimes.

Ao longo dos meus cinquenta anos na Comunicação Social, por diversas vezes abordei este tema. O abuso de clérigos, leigos, freiras e outras irmandades sobre crianças à sua guarda. O tema é e tem sido dos mais difíceis de tratar pelo Vaticano que, enquanto Estado independente, é muitas vezes imune às punições que as leis aplicam no resto do mundo. O próprio Papa criticou a incapacidade da Igreja em por um ponto final nesta vergonhosa situação. E não se pense que o assunto está circunscrito a França. Os abusos também existem em Portugal e por todo o mundo católico.

Neste caso da Igreja Católica, as responsabilidades recaem sobre todos os que encobrem tais aberrações. Para a instituição que formata regras de moralidade no mundo, estes casos são de uma gravidade absoluta.

Nos Açores e dada a pequenez social das Ilhas, alguns casos já saltaram dos confesionários para a rua. Mas sabe-se que ainda persistem e são abafados pela vergonha da denúncia.

Cada um de nós, cidadãos, é responsável pela guarda dos mais indefesos, que são as crianças, devendo denunciar toda e qualquer situação de abuso que tenha conhecimento, a qualquer nível social, político ou religioso, sob pena de se tornar cúmplice de um crime de enorme gravidade para toda a sociedade.



Paulo Martinho

Barcos, barquinhos e outros brinquedos

Tenho estado atento à discussão em torno do transporte marítimo nos Açores e é com preocupação que noto a falta de uma solução adequada aos nossos interesses sobretudo das populações de S. Miguel e Santa Maria.

Depois da festejada tarifa aérea que fez amarelecer os pergaminhos socialistas os primeiros, refira-se, a “botarem-se” ao mar no transporte sazonal de passageiros, a decisão de cancelar a operação não calou bem.

A inabilidade do actual governo em matéria de comunicação foi novamente posta à prova sem nunca conseguir “engatar” a velocidade desejada. E continua em outras matérias com a mesma “caixa” perra e obsoleta e os seus agentes tomados por impreparados ou aselhas em linguagem comum. Vai daí qualquer explicação só convence na parte da

avultada despesa mas é furtiva no princípio da igualdade, fugaz na promessa de um novo barco e frouxa na responsabilização dos governos anteriores que nos tornarem “gregos” nas contratações museológicas.

Este assunto merece estudo aturado com a participação de especialistas locais que os há, e de outros fora da região que ajudem a encontrar a devida solução. Há quem queira passar o testemunho aos privados nessa feroz liberalização até do ar que respiramos. Outros num serviço a “meias” (meias só para as pernas - diz o povo) e enquanto os cestos vão e vêm folgam as costas, esperemos que não sejam as dos responsáveis do governo cuja obrigação é decidir.

Aos aviões já se brincou. Agora aos barcos?!... o mar é fundo.



Chrys Chrystello*

Solidariedade que me faz crer na humanidade

De repente dou comigo a acreditar, de novo, na humanidade. Em tempos, pedi num fórum de Timor, a qualquer alma caridosa que me enviasse uma “lipa” timorense, para substituir a minha esfarrapada, com mais de 47 anos e que ainda uso. Na Austrália usava-a na praia, aqui sou mais comedido e só a uso em casa. A lipa é uma espécie de “sarong” ou “sari” que os homens usam enrolada à cintura e que adotei desde que vivi em Timor (1973-75).



Nesse fórum uma pessoa que não conheço pessoalmente (Helena Olga Jesus, cooperante no ensino em Liquiçá), amiga dum amigo comum, o editor Francisco Madruga, ofereceu-se logo e hoje recebi no correio, não uma mas três lipas, uma pequena bolsa ou saca típica que as mulheres usam e mais umas pequenas lembranças de Timor.

Ora bem, numa era em que as pessoas se insultam e agredem verbalmente por mera divergência de opinião, é deveras reconfortante registar esse gesto solidário, que merece da minha parte um agradecimento público, pela generosidade da dádiva, pela simpatia e compreensão do meu insólito pedido.

Só quem viveu pelos orientes entenderá o que aqui escrevo, eu que sou um ocidental muito orientalizado e eternamente ligado a Timor. Bem-hajas, Helena Olga Jesus, por este gesto que muito nos sensibilizou e que fica gravado para memória futura.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)